

APOGRAFIA METRICA,

&

TRIUNFAL NARRAC, AM

DO PLAUSIVEL APPARATO, QUE A ILLUSTRE
Familia Carmelitana majestosamente consagrou ao Maximo
dos Sacramētos na sua translaçãõ para o sumptuoso Templo,
que à Senhora do Monte do Carmo generosamente se eri-
giõ na muyto nobre, & sempre leal Villa de Santarem
a oyto de Settembro de 1708.

Sendo Prior do ditto Mosteyro

O M. R. P. M. Fr. ANTONIO DA ASSUMPC, AM,

Offerecida ao Senhor

LUIS ALVARES DA COSTA

*Fidalgo da Casa de Sua Magestade, & Cavalleyro
professo da Ordem de Christo.*

AUTOR

Fr. ANTONIO. DE SANTO CAETANO,
Da Ordem dos Conigos Regulares de Santo Augustinho,
natural de Santarem.



L I S B O A.

Na Officina de MANOEL, & JOSEPH LOPES FERREYRA,

M. DCC. VIII.

Com todas as licenças necessarias.

11 1/2

APOGRAFIA

METRIC

TRINIDAD NARRAGAM

TO THE RIGHT HONORABLE JOHN WILKINSON ESQ. CHIEF JUSTICE OF THE SUPREME COURT OF THE STATE OF NEW YORK

JOHN WILKINSON ESQ. CHIEF JUSTICE

JOHN WILKINSON ESQ. CHIEF JUSTICE

JOHN WILKINSON ESQ. CHIEF JUSTICE

ALTON

ALTON DE WILKINSON

ALTON DE WILKINSON

ALTON

ALTON DE WILKINSON

ALTON

ALTON DE WILKINSON

AO SENHOR LUIS ALVARES DA COSTA,
Fidalgo da Caza de Sua Magestade, & Cavalleyro
professo da Ordem de Christo.

DEDICATORIA.



O Templo de Ceres, mētida Deosa dos campos, escreve Pausanias que todas as viçtimas dos fruttos, que no principio do Outono se lançavam aos pés do simulacro de Hercules, perseveravam verdes, & incorruptas. Eu levado da esperansa de hum semelhante prodigio, tambem quis lançar aos pés de V. M. estas, que pelo desvelo da melhor cultura se produziram no mesmo tempo nesta muyto nobre, & sempre leal Villa de Santarem, porque se bem a admiração discorre, se ve que em oyto de Settembro deste presente anno semeou o Catholico Zelo de todo o seu povo muytas admirações em o sagrado Triunfo da translação do melhor Sacramento para o magnifico Templo da illustre Familia Carmelitana, de cuja pomposa maravilha tirou o meu inculto engenho esta breve Relação, que por tantos fundamentos offereço a V. M. porque era justo se visse a Augusta inscripção do seu nome no frontespicio de huma obra, em que V. M. teve tanta parte, como bem o testificam as pedras do Templo, aonde a mesma insensibilidade se fes pregoeyra do seu piedoso, & Catholico zelo, favorecido das grandesas, com que então se vio ornado; mas quem havia de ser senão V. M. o que havia de dar à natureza das pedras a primeyra gala, quando o Mundo o publica generoso Alexandre, que sem ambição de haver Mundos para conquistar, os desejaria o Catholico zelo de V. M. para os dispender, de q̃ são mudas testemunhas as nossas admirações pelo excessivo dispendio deste regio apparato, donde o a ceyo, o artificio, a disposição; o concerto, a correspondencia das armações, o precioso das telas, o ajustado das cores, & a novidade da traça a impulsos da sua generosidade se ajustou na-
quel

quelle Templo, não só para representar o acerto de huma solennidade tão sem segunda, mas para que á vista de tanta galhardia se esquecessem as memorias das grandesas da Antiquidade. factem se embora os Latinos, os Lucullos, os Augustos, os Nerões, os Vitellios, & os mais celebrados Emperadores de Roma de ostentarem, & enriquecerem os seus profanos Templos: porque se estes solennizavam as festas a Deoses falsos, & mentidas Deidades, V. M. com mais razão se póde gloriar, quando felismente, & com espirito mais superior adornou de excelsas grandesas hum magnifico Templo dedicadô à Magestade da Omnipotencia Divina, gloria dos Anjos, & Creador do Universo; aquellas pompas ordinariamente causavam horrores, estas criaram em todos os animos alegria; aquellas faziam pompa de riqueza, porém careciam de gala, esta unia perfeitamente em si como lustroso o rico; aquellas fomentava a soberba, estas excitou a devoção; aquellas se foram deteriorando como tempo, estas eternamente ficarão vivas nos brados da fama, para que nem o tempo as consuma, nem a inveja as estrague.

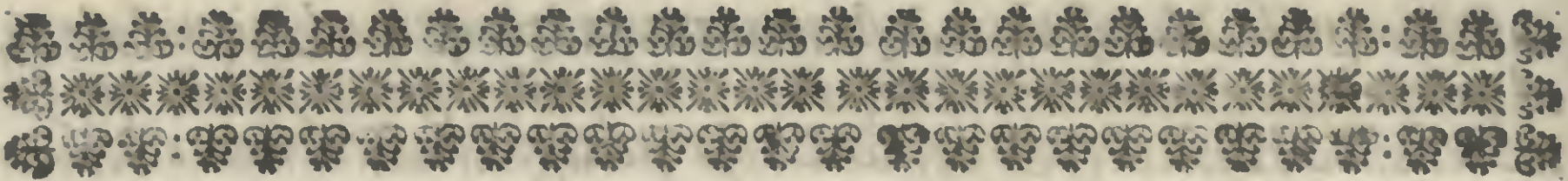
Este foy (Senhor meu) o motivo, que me obrigou a fazer o breve extracto de tão admiravel festa, antevendo que para o dignar dos olhos de V. M. sobrava materia no conhecimento, que tenho de que a V. M. se deve a mayor parte deste obsequio, como todos confeçam, por cuja causa se deviam a V. M. as coroas, que agora suppridas nas folhas deste ousado traço sumpto fica justamente comprido o meu desejo, & o meu temor mais animado, levando nelle o seu esclarecido nome, com cujos rayos ficarão desvanecidas as sombras dos que se atreverem a eclipsar a luz deste meu desvelo, sem advertirem primeyro que para satisfazer aos rogos de quem podia obrigar-me me havia de expor ao golpe de mayores perigos. Sey eu que em occasião que tinha cercado a Rhodes El Rey Demetrio com hum exerciio poderoso, como refere Plinio, porque a não pode ganhar, senão por hum sitio, em que lhe disseram estava huma pintura da mão de Protogenes, levantou o cerco, por não offender a pintura; & quem duvida que os que queyram offender, & censurar os erros desta Relação, vendo nella o nome de V. M. se abstenhaõ de o offender, por não aggravar pintura, que no quadro do Mundo convida com tantos realces a admiração de todos.

Creyo

Creyo que V. M. desculpará este meu arrojô, porque a benignidade, q̃
adquirio tantos louvores ao Emperador Trajano, a generosidade que fes
taõ celebre a Alexãdre, & a piedade com que logrou tanto credito Numa
Pompilio, em V. M. se praticam, & vem juntas como em vivo mappa; &
sendo assim, ficarà em mim a advertência, & muy animada a obriga-
ção de o reconhecer a V. M. por unico asylo de minhas temeridades para
nesta, & em muytas occasiões render a seus pés, como em mais digna ara,
estas, & outras viçtimas, que por lembrança do quanto obrou seu gene-
roso animo he digna de se perpetuar no Templo da memoria, assim como se
fará eterna nos voos da fama. A pessoa de V. M. guarde Deos muytos
annos. Santarem de Novembro de 1708.

O mais affectuoso servidor de V. M.

Frey Antonio de Santo Caetano.



A O L E Y T O R.

LEytor amigo, não he a minha jaçtancia a que temolesta; o zelo, & amor da minha patria he que te persuade ao trabalho da leytura desta Apograpfia. Se viste o Triunfo, que descrevo, desculparàs a ousadia, com que recanfo: porque parecia incrivel que a devoção solennizasse a empresa, que relato, com mais pompas, que as que os olhos viram; se os desejos puderam tudo quanto querem, só entãõ se faria mais pomposo o Triunfo, que te pinto, porque he certo que quanto mayores eram as operações do amor, & zelo de todo aquelle concurso, tanto mayores eram os desejos de multiplicar o fausto á mesma pompa. Cresciam as admirações da galhardia daquelle Triunfo, & como não puderam crescer mais, pararam nos assombros, convertendo em immortal saudade aquelle inconsideravel prodigio. Confeço-te que não puderam chegar a mais as demonstrações daquelle obsequio: porque se puderam dar mais hum passo, digna era a esclarecida Familia da observante Ordem Carmelitana delograr mayores applausos na trasladação do Santissimo Sacramento para a nova Igreja, que o amor, & zelo de toda a nobresa erigio, & cõsagrou á Senhora do Monte do Carmo, digna Mãe de taõ amados filhos. Se não viste o que descrevo, podes crer que senãõ adornaram semelhantes triunfos, nem de mais galas, nem de mayores dejesos; & se os de'ejos puderam fazer gala, aquil poderiam ter espelho todos os Triunfos; pouco te encareço a fabrica do menor de seus adornos, mas como o meu talento não pode chegar ao desempenho de suas galhardias, seja a mesma impossibilidade o mayor encomio. Não me censes o estylo, com que o relato, porque nelle verás o pouco que cansey a obrigação, com que to devia narrar. Venera o superior engenho, que delineou o Triunfo, porque as ideas pagam vassallagẽ ás descripções, & conhece q a impossibilidade do meu talento me não pode ajudar a mais, ainda que digas que o engenho, com que o fis, me não podia atrever a menos.

Vale.

DE MANOEL LOPES CARREYRA

Ao Padre Frey Antonio de Santo Caetano

Em louvor deste Triunfo

DECIMAS.

A Vós se deve o Pendaõ
No Triunfo do Carmelo,
Porque com todo o desvelo
Lhe dais fama, & duraçaõ.
Vosso Poema he Padraõ,
He vossa Musa o pincel,
E pintando tal paynel,
Se ve com verdade pura
Fazeis primeyra figura,
Fazendo taõ bom papel.

Pintais a qualquer Figura
Taõ subtilmente engenhoso,
Que como Apelles famoso
Fazeis divina a pintura.
Como Apollo com ventura
Qualquer figura dourais,
Por cuja razaõ mostrais
Que uniforme pareceis
Apollo no que escreveis,
Apelles no que pintais.

Morrem na pintura as cores,
No paynel acaba o ouro;
Mas vós fazeis sem desdouro
Eternizar esplendores,
E com tal arte, & primores
Fica por vós debuxado
O Triunfo celebrado,
Que no paynel discursivo
Pintando vós muyto ao vivo,
Deyxais muy vivo o pintado.

Com hiperboles subtis
Sublimais tanto as figuras,
Que com discretas pinturas
Os altos globos feris.
Nos astros douto luzis
Com subtileza, que espanta,
E ja com razaõ se canta
Que Euclides sois eminente,
Porque he nos astros sciente
Quem bem figuras levanta.

Tanto á carroça, ele vastes,
Que a Febo pasmo luzido
De Faethonte cahido
As memorias renovastes.
Febo vio que collocastes
A carroça donde ardia;
E como a vio que luzia
Na quarta Esfera elevada,
Julgou da queda passada
Que Faethonte subia.

Os andores mais luzidos,
Que tem conhecido o Mundo,
Com vosso engenho fecundo
Ficam mais esclarecidos;
No Zenith estaõ subidos,
Donde só podem descer,
E daqui venho a colher
Quando os vejo assim luzir
Que na õ pódem mais subir,
Nem se póde mais dizer.

DE MANOEL GONSALVES TEYXEYRA

DECIMAS.

Naõ sey qual se illustra mais
No desvelo, que emprendeis,
Se o Triunfo, que descreveis,
Se o estylo com que o narrais.
No retrato que formais,
Mostrais engenho profundo,
E no estylo o ardor fecundo,
Com que em acção taõ notoria
Sois padraõ para a memoria,
Maravilha para o Mundo.

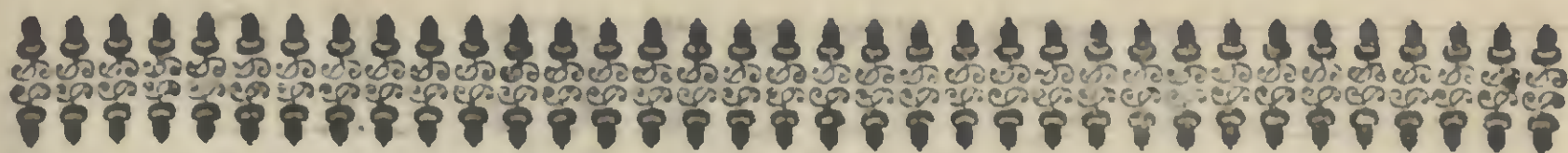
Os que o proprio Triunfo viram,
Muyto q̃ invejar tiveram,
Porque as que-figuras eram
Como planetas luziram.
Com assombros appaudiram
Esse apparatus triumphal,
Mas excede ao natural
Tanto o Triunfo laureado,
Que admira mais no traslado,
Do que assombra o original.

DE ANASTACIO MENDES DA SYLVA

DECIMAS.

Esta vossa Apografia,
Da Procissão viva copia,
Sendo traslado da propria,
Dá mais que invejar ao dia.
Desperta-se a galhardia,
Com que se vio illustrado;
Mas fica mais celebrado
Neste quadro discursivo,
Pois por ser pintado ao vivo,
Sabe exceder no pintado.

Para trasladarse a gloria,
Que no escrito a todos dá,
Pequeno papel será
Todo o Templo da memoria
A todos he muy notoria
A gloria, que vos acclama,
Com que em quanto assim se inflama,
Fiquem por estampa plena
Os raios da vossa penna
Nos brados da vossa fama.



DO DOUTOR ANTONIO JORGE MACHADO

Em louvor do P. Frey Antonio de Santo Caetano

S O N E T O.

DO passado Triunfo a alta faudade
Neste vosso Poema o alivio clama,
Que por digno da sempre immortal rama
Póde ser maravilha a extensa idade.
Bem se vé na descripta ufanidade
Quanto nos desempenhos vos acclama,
Sendo cada conceyto hum brado à Fama,
E cada letra hum ecco à eternidade.
Mais que o proprio Triunfo esta pintura
Em vivo quadro altivamente brilha,
E nos vivos realces mais se apura.
Com que sendo do vosso engenho filha,
Bem póde presumir cada figura
De eterna fama oytava maravilha.

Do mesmo Autor

DECIMA.

Porque el tiempo nó consume
Aquella passada gloria,
Al Templo de la memoria
Hoy le encarga vuestra pluma.
De immortal siempre presume
El ingenio que os acclama,
Y de essa Apolinca rama
Vuestra frente se corone
En quanto de oro os compone
Nuevos diademas la fama.

LICENÇAS

DA ORDEM.

O Capitulo geral manda ao Padre D. João de Christo informar com o seu parecer na Petição junta, que tornará para se deferir. S. Vicente 8. de Novembro de 1708,

O Presidente.

Por ordem de vossas Reverendissimas vi, & revi esta Apografia Metrica, em q' o Irmão Frey Antonio de S. Caetano descreve o magnifico, & sempre memorável Triunfo, com que a muyto nobre, & leal Villa de Santarem (Patria do Autor) collocou o Santissimo Sacramento no novo Templo, que a observante Família Carmelitana Descalça erigio à sua gloriosissima Protectora N. Senhora de Monte do Carmo, sendo o Templo todo o esmero da Architectura, & a Procissão triumphal todo o abono da arte; tão bem descripta nesta Apografia Metrica, que se o zelo de Elias renacido em seus esclarecidos filhos, a expos às admirações do Mundo em hum dia para os assombros; as vivissimas cores desta obra a animam de sorte, q' ficará impressa na memoria de todos para a eternidade.

Li-tera tamẽ in Con-versis nulla requi-run-tur. Cõst. 1. p. c. 14. As nossas Constituições dizem que nos Conversos se não requerem letras; porém no Autor teve mais forsa o natural, que a profissão; porque quando esta o escusa das Universidades de Minerva, aquelle o conduz para as Academias de Apollo. O certo he que o tosco da concha não des-acredita a preciosidade da Perola, porque não envilece o inculto do co-verfis fre os quilates, que lhe deu a natureza; o Monte aonde os Poetas habitam, he o Parnasso; a fonte de que bebem, a Caballina; & se eu na illustre Villa de Santarem achára fontes, como encontro Monte, havia de persuadir-me que era o nosso Parnasso Lusitano pelos relevantes talentos Escalabitar-cens, que actualmente conheço, & venero, eminentes na arte poetica; porém he certo q' se as suas agoas não são as mais salutiferas para os cor-1. p. pos, são as mais fecundas para as veas. Bem se verifica no Autor desta c. 14. Apografia Metrica, em quem póde tanto o genio, & o furor Poetico, que levado da nativa viveza, entregue mais à Poesia, que à Arithmetica, mais à cultura do Parnasso, que à dos campos; acreditou o seu deivelo no emprego desta obra, por todos os titulos consummada, & como tal merecedora da licença, que pretende. Este he o meu parecer, vossas Reverendissimas farão o que forem servidos. S. Vicente de fóra aos 11. de Novembro de 1708.

D. João de Christo Visitador do Capitulo geral.

Con-

C Oncede o Definitorio do Capitulo geral' ao supplicante a licença, q' pede, vista a informaçãõ asima. E eu D. Pantaleão da Natividade Secretario do Capitulo geral, & Definitorio o escrevi. S. Vicente a 11. de Novembro de 1708.

D. Gaspar da Encarnação, Presidente do Capitulo geral.

DO SANTO OFFICIO.

O Padre D. Antonio Caetano deSoula, Qualificador do Santo Officio, veja a Apografia, &c. de que trata esta Petição, & informe com seu parecer. Lisboa 13. de Novembro de 1708.

Carneyro. Monis. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

Fr. Encarnação. Barreto.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

V I por ordem de V. Illustrissima a Apografia Metrica, seu Autor o Irmão Frey Antonio de S. Caetano, da esclarecida Familia dos Conigos Regrantes de Santo Augustinho, em que primorosamente descreve o majestoso apparato, com que na Villa de Santarem trasladaram para hum novo Templo o Augustissimo Sacramento do Altar os Religiosos filhos da Santa Madre Teresa de Jesus, & não contem nada contra a nossa santa Fé, ou bons costumes. Quando li este papel, me lembrou o que diz o Lyrico de que as Aguias não podem procrear senão Aguias, porque supposto o Autor não seja professor de letras, póde tanto o ser criado onde estas tanto se exercitam, que me persuado que não são só influencias da sua Patria as metricas consonancias, que com tão sublime elegancia ostenta, senão da communicação das mais cuítas Musas, que admira o Mundo habitar dentro dos claustros Augustinianos, & por isso não degenera no elevado do estylo da filiação daquellas. Lisboa na Caza de N. Senhora da Divina Providencia 20. de Novembro de 1708.

D. Antonio Caetano de Sousa C. R.

O Padre Mestre Frey Antonio da Crus, Qualificador do Santo Officio, veja a Apografia, de que trata esta Petição, & informe com seu parecer. Lisboa 20. de Novembro de 1708.

Carneyro. Monis. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.

Frey Encarnação. Barreto.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Illustrissima rev. a Apografia Metrica, de que fas menção seu Autor Frey Antonio de S. Caetano, filho da grã-de-lus da Igreja Santo Augustinho, dos Conigos Regrantes, em q̄ descreve o majestoso Triunfo, com que na taõ antiga, como sempre nobre Villa de Santarem trasladaram os filhos da Madre Santa Teresa de Jesus o Santissimo Sacramento para o seu novo Templo; & não contem coufa, que seja contra nossa Santa Fé, ou bons costumes; com que me parece obra merecedora da licença, que pede. S. Domingos em 27. de Novembro de 1708.

Frey Antonio da Cruz.

Vistas as informações, póde-se imprimir o papel intitulado Apografia Metrica, de que fas menção a Petição, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 1. de Dezembro de 1708.

*Carneyra. Monis. Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.
Frey Encarnação. Barreto.*

DO ORDINARIO.

POde-se imprimir o papel de que trata esta Petição, & depois de impresso torne, & sem isso não poderá correr. Lisboa 6. de Dezembro de 1708.

Syva.

DO PACO.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Menza, para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 10. de Dezembro de 1708.

Oliveyra. Carneyro. Costa. Botelho.

APOGRAFIA METRICA.

SE arrebatado do furor canoro
Desse Delfico coro
Mentido ardor da humana fantasia
Em clamor de harmonia
Hum tempo me animava,
Cadente setta de Apollinea aljava,
Da forsa Caballina,
Cujo influxo inspirado
Com lisongeyro agrado
Seu Numen sacro rende,
E á segunda potencia efficás prende.

Se arrebatado digo
Dessas nove vaidades,
Que o Parnasso acredita Divindades,
Fuy conduzido, & posto
Nesse assento solar Delfico encosto,
Avisinhando a lyra,
Que mais vive, por mais que a abraze a pyra.

Se com Clio cantey para a memoria
Das heroycas acções a humana historia,
E Melpomene ja foy do meu canto
Tragica companheyra para o pranto,
Fazendo amotinar do Sol as luzes
Ao triste horror de lugubres capuses;

Se no Comico ja tive algum dia
Alegre sociedade na Thalia,
E de Euterpe os acentos sonoros
Deram alma a meus versos amorosos.

Se Terpsicore ja medeu suave
Para celebre plectro o ardor mais grave,
E Erato para os jubilos selectos
Alma sempre inspirou a meus affectos;

Se Calliope sempre a heroyco canto
Soube dar a meus cultos valor tanto,
E tambem das Esferas lus me há dado
No alto campo de Celo dilatado
Essa Musa de todas a mais digna,
Uranica divina,
Que por oytavo Numen bem pudera
Occupar por assento a oytava esfera;
Se na graça famosa
Foy Polymnia sempre a mais mimosa,
E a meus metricos rasgos com aceyo
Deu alma ao pique, vida ao galanteyo;
Todas estas da fama construidas
Por Deidades mentidas
Não quero que a meu canto hoje me inspirem,
Que outra Musa melhor, mais venerada
Em vós Virgem sagrada
Procura o meu engenho
Por sacra lus a altivo desempenho;
Vós, que mais do que as outras no Parnasso,
Nesse monte Carmelo
Fostes do sacro Espirito modelo,
Inspirando por puras sympathias
Tanta sciencia a Elias, & a essa Doutora Santa,
Cujó merito todo o Ceo levanta.
A vós busco, Senhora,
Filha do melhor Sol, divina Aurora,
Paraque me inspireis nesta fadiga
Quanto do vosso Filho he bem se diga:
Porque neste Triunfo, que hoje canto,
Houve tanto prodigio, assombro tanto,
Que só poderá ter o meu engenho
Com tal Musa taõ alto desempenho,
Sendo padraõ felís para a memoria
Odoce estylo desta doce historia.

INTRODUCC, AM.

A Manheceu o dia,
E nos applausos outro amanhecia
Dignamente glorioso:
Porque teve no seculo ditoso
O felis Nascimento
Da mais divina Aurora,
Que todo o Ceo venera, a terra adora,
A Mãe do melhor Sol, a cujo objecto
Soube adorar divino, & humano affecto;
Ditoso inda mais vezes,
Pois para elle se tinha destinado
De hum Triunfo sagrado
A mais illustre pompa, que a memoria
Ditou com pasmo, delcreveu com gloria.
O Triunfo repito
Do Monarca dos Ceos, Deos infinito,
Que a Esfera do Carmelo
Lhe ordenou com desvelo
De hum Templo pobre para hum rico Templo,
Pasma ao Ceo, gloria ao Mundo, á terra exemplo.
Oh quem hoje pudera deste dia
Narrar a galhardia,
Que se o meu fraco engenho o permittisse,
Eu dera á Gloria espelho, em que se visse:
Mas como o engenho falta, falta tudo,
Porque espelho sem aço sempre nega
A fórma imaginaria, a que se entrega.
Despertou pois o dia venturoso,
Trafendo luminoso
Na Delfica carroça, em que se esmera
Convidado o Senhor da quarta Esfera,
Que logo as ruas com subtis ensayos
Ornou com lus, espadanou com rayos.

A
Com prodiga harmonia singulares
As vozes dos clarins ja pelos ares
Os vivas diffundiam com tal arte,
Que era do Ceo a pás, o horror de Marte.

Já os carros as ruas enfeytavam
Da officiosa espadana, que lançavam,
Progenie, que fecunda
Em ondas verdes o seu Tejo inunda,
Formando no sobejo
Do Tejo nas correntes outro Tejo,
Dando a seus verdes laços
Carinhofos abraços,
Thé que á rua attributa
Quando destes festins o estrondo escuta,
Formando desta turba de esmeralda
Até ao mesmo Sol verde grinalda.

Vestiram-se as janelas
Desse Oriental primor em colchas bellas,
Animando os Orientes
As janelas de affombros excellentes,
Que sem alma, ou com ella
Muyta vida ostentou cada janela,
Tendo com evidencia
Igual correspondencia
Das elegancias suas
As janelas, & as ruas,
Porque a Venus, & a Pallas
Saõ grato sacrificio tantas galas.

Finalmente era o tempo ja chegado
De dar principio o Triunfo desejado,
Quando o gosto, o desejo, & a alegria
Ouvio clarins, & vio que assim sahia.

TRIUNFO.

FIGURA, DA DEVOC, AÕ.

Dava principio ao Triunfo desejado
Sobre hum bruto do Zefyro traslado,
Cysne na cor, na gala tambem Cysne,
Pois de o ser mostras dava,
Quando em suas escumas se banhava,
E o fogo que o domina,
Quis a Deosa marina
A pesar de Vulcano
Que fosse de Cupido doce engano,
Crendo elle facilmente
Se de ter mais irmãos se des espera,
Que por filho do fogo irmão seu era,
E de Venus mostrava tambem sello,
Quando do mar gozando o paralelo,
Nas elegancias via
Que undosa prata como o mar vestia.

Neste pois doce aggravo da brancura
Se via huma Figura
Com tanto engenho, & arte guarnecida,
Que bem puderam porse neste espanto
As riquezas a hum canto,
Supposto que de Italia as telas finas
Se quizeram fazer mais peregrinas.

Hum peyto, que de aljofar grave enleyo
Lhe compunha o aceyo,
Pessa era, que aos olhos parecia
O rico prado, donde a Aurora ria,
Pois sempre o aljofar seu valor melhora
Por pranto da manhã, riso da Aurora.

Levava na cabeça outra cabeça
De tão diversas joyas adornada,

Que

Que a America se vira bem lograda
Quando a caso levasse sem' desdouro
Do seu nome a inscripção neste thesouro,
E a India Oriental pelos diamantes
Neste a ceoyo jaçtara os seus turbantes,
Neste lugar levava por eterna,
Porque era a Devoção,
Huma Ara, & no meyo esta inscripção.

Holocausta medullata offeram tibi. Psalm. 65.

Em o braço, que a redea assegurava,
Huma tarja levava,
Em aqual com aceyo esclarecido
Hum thuribulo hia taõ fingido,
Que quando nelle cuydo, mais presumo
Que lhe via sahir fragante o fumo,
E a letra, que na tarja entaõ se via,
Desta sorte dizia.

*In troibo in domum tuam
in holocaustis: red dam tibi
vota mea. Psalm. 65. n. 13.*

Hum Pendaõ, que riquezas apostava
Com a mesma figura, que o levava,
Na maõ direyta hia
Como trofeo do Sol, pendaõ do dia,
Porque taõ claro era,
Que quem o via, ser solar dicera.

Em o meyo se via mais que ufana
Da Ordem Carmelitana
Huma tarja das Armas, com que brilha
Aos olhos maravilha,
E por orla levava em letras de ouro
A letra titular deste Thesouro.

*Laudate Cæli, & exulta terra: quia consolatus est Dò-
minus populum suum, & pauperum suorum miserebitur.
Isai. 49. n. 13.*

Nas pontas do pendaõ desta Figura
Pegavam com divina compostura
Duas figuras mais, que eu não me atrevo
Dar ousadia á penna, com que escrevo,
Para hoje dizer dellas neste enleyo
A fórma, o grave, o rico, o nobre, o aceyo;
Mas ja que me arrojey a tanto excessso,
Não as descreverey, porem começo.

FIGURA, DA ALEGRIA.

A Maõ esquerda do Pendaõ lustroso
Prodigio se inculcava luminoso,
Fosse, ou não por acertos da ventura,
Huma nobre Figura
Com tanto luzimento esclarecida,
Que sendo de altas telas guarnecida,
Se a vista não se engana,
Se duvidava ler figura humana,
E eu sey que o mesmo Ceo de pura inveja
Com a terra tivera alta peleja
Só por lograr de veras
Este assombro para huma das Esferas.

No peyto que vestia,
Com tanta galhardia
Estava o luzimento retratado,
Que pelo que luzia de engraçado
Houve quem affirmava
Que alli o proprio Sol no peyto estava;
Porque eram os diamantes,
Não falando em grandesa, tão flammantes,
Que parece apostaram seus ensayos
A fazer crer á gente que eram rayos,
Detela verde hum capilar lustroso
Levava tão ayroso,

8
Que elle mesmo jurava
Ser mais o ouro, com que se illustrava
Era taõ fecundo Mappa,
Do que em seu Reyno tem Monomorapa.

Compunha-se a cabeça com engenho
Por cabeça de todo o desempenho
Com gala de diamantes
Taõ lustrosos, taõ graves, taõ flammantes,
Que pela lus ficava toda a gente
Crendo certamente

Que era toda esta pompa illuminada
De Heli a Barca, na Esfera collocada.

Hia pois esta honrosa maravilha
Jodoma illustre, por da Aurora filha
Em hum soberbo bruto, que pudera
Romper famoso ao ar, talar a Esfera,
Com tanta copia de ouro guarnecido,
Que creyo mais soberbo se fazia
Quando deste metal senhor se via.

Na esquerda ponta do Pendaõ pegava,
E á cabeça levava

Por insignia hum adufe taõ bem feyto,
Que da mesma Alegria era o conceyto
Com esta letra, que entaõ pode a gloria
Recomendar no templo da memoria,

Laudate eum in tympano. Psalm. 150. n. 4.

E no braço huma tarja, em que se via
O que o peyto mil vezes repetia

Cordisque letitia Deut 28.

FIGURA, DO APPLAUSO.

COm gentil proporção outra Figura
Claro espelho da humana fermosura
A' maõ direyta hia, que pegava

Na vaga ponta, que o Pendaõ deyxava,
 Montada em hum cavallo,
 Que elle per si sómente bem pudera
 Affustar o respeyto á quarta Esfera;
 Ricas roupas vestia,
 Porque quis esmerarse a galhardia,
 Que entre tanta grandesa
 Não havia de ser muyto commua
 Huma cousa, que tinha de ser sua.

O Applauso era esta
 Illustre pompa a taõ illustre festa,
 Cuja cabeça, & peyto
 Fazem perder á India o seu respeyto,
 Porque pelos diamantes de seu fausto
 Certamente ficou o Oriente exhausto.

De prata, & ouro o mais que se compunha,
 Seja contra si proprio testemunha
 O mesmo Sol de quando o duvidava
 Pelo muyto, que achava,
 Como que nos dizia:
 Ouro tanto eu não sey donde se cria,
 E se ha donde, daqui me persuado
 Que ao calor de outros Soes se tem gerado,
 Porque assás fora eu desvanecido,
 Se dicera que o tinha produzido.

De tela hum capilar tinha taõ rico,
 Que se agora o desejo ao ouro applico,
 Para do cel do Sol eu o invejára,
 Inda que lá na pyra se queymára,
 Porque he certo teria esse Deos louro
 Por hum monte de seda hum monte de ouro.

Hum Psalterio levava,
 Com que a mesma cabeça se adornava,
 De donde se pendia
 A letra, que dizia.

Laudate eum in psalterio. Ps. 150. n. 3.

B

Em

10
Em o braço direyto
Huma tarja levava, que o respeyto
Lhe soube fabricar com tanta graça,
Que era lus da invenção gloria da traça;
No meyo se imprimiram
Estas letras, que ao Ceo tanto respiram.

Psalite Deo, qui ascendit super Cælū cæli, ad Orientem.*
Psalm.67.n.33.

FIGURA, SANTAREM.

Sobre hum soberbo bruto, que o Horizonte
O tinha por Ethonte,
Cuydando ser dos que com furia grossa
Puxam sempre da Delfica carroça,
A cujas composturas
Lhe serviam de espelho as ferraduras,
Huma Figura hia tão luzida,
Com tanto engenho, & arte guarnecida,
Que logo mostras dava
De que era Santarem noque realçava:
Porque a gala, o acçyo, a compostura
Fizeram aqui claufura.

Vestida á Alexandrina
Huma roupa levava peregrina,
Que quem a vio, he justo me conceda
Ser mais o ouro nella, do que a seda.

Hum peyto tão luzido
De perolas levava guarnecido,
Que o Bassorá mais fertil se exaurio
Quando perolas tantas lhe imprimio.

Antigua espada com adaga antiga
Na cinta lhe faziam forte liga,
Mostrando esta figura ser por forte
Aggravo de Mavorte.

11
Na cabeça fingia tres castellos,
Para escudos do Sol tantos modelos;
O do meyo mayor, por dar sinaes
Dessas Armas fataes,
Que logra por padraõ, & altiva gloria
Penduradas no templo da memoria.

Tinha na maõ direyta
De ouro fino huma vara taõ perfeyta,
Que novamente o popular se espanta
De ver no seu festim riqueza tanta;
E na vara huma letra se enlaçava,
De cuja bocca este ecco se escutava.

Virga directionis virga regni tui. Psalm. 44. n. 7.

Huma tarja levava por escudo,
Que a invecção lhe pos com tanto est udo,
Que ignorando com ella o mor perigo,
Contra os rayos do Sol tivera abrigo,
Adonde escripta estava
A letra, que explicava.

*Resultet terra gaudiis
Carmelitarum gloria,
Et tu Scalabis intona.*

Logo a trás deste assombro esclarecido
Com sacra elevação, nobre sentido
A figura do Zelo se seguia,
Imitando das mais a galhardia;
Eu não quero dizer que era a mais nobre,
Porque a soberania não se encobre,
Porem só digo que indeciso fica
Sobre qual foy de todas a mais rica.
Ouvi-lhe o aceyo, & escutaylhe a gala,
Porque he o mesmo vella, que pintalla.

FIGURA DO ZELO.

S Obre hum bruto, não outro mais se affoute,
 Supposto pareceu filho da noyte,
 Porque de negros fumos se vestia
 Do muyto fogo que em seu peyto ardia,
 Huma Figura vinha, aquem pudera
 Mendigar esplendor a quarta Esfera,
 Taõ bem vestida, que inda agente aposta
 Que veyo das Italias ja composta,
 E de Golocondá troxe os diamantes,
 Com que a cabeça, & peyto ornou flammantes.
 Tudo alli se admirava,
 Sendo tantos os rayos, que lançava,
 Que o cavallo, & Figura de assombrados
 Se davam por vencidos, & queymados,
 Seo Sol não resistira
 Ao golpe ardente, que hum diamante atira.

Hum capilar de tela azul taõ rico
 Os hombros lhe compunha,
 Que elle persi aos Ceos só se antepunha:
 Porque alli não faltou quem neste passo
 Dicesse que dos Ceos era hum pedaço,
 E na verdade que elle o parecia
 Pelas ceruleas nuvens, que vestia.

Por insignia levava na cabeça
 Hum Fenis bem fingido,
 Sobre quem o desejo repetido
 Mil vezes apostava
 Que alli o mesmo Fenis se abrazava,
 Porque as brazas fingidas
 A mil Fenis tiraram cem mil vidas.

Na cabeça esta letra pode logo
 Sahir a lus, por escapar do fogo.

Zelando zelum Dei. 1. Machab. cap. 2. n. 54.

Na mão direyta com valor ignifero
 Huma espada levava fulminante,
 Rayo em fim usurpado ao Deos radiante,
 Que só de vella a gente
 Dos sustos seportára balbuciente;
 E enleada na folha se compunha
 Esta letra do assumpto testemunha.

Zelo zelatus sum pro Dòmino Deo. 3. Reg. cap. 19. n. 10.

I. ANDOR.

A Tràs deste prodigio se seguia
 Hum Andor com taõ nobre galhardia,
 Que a mesma arte jura
 Não ter visto mais nobre architectura:
 Porque em hum campo, que invejára Flora
 Para lenço das lagrymas da Aurora,
 Se via taõ pomposa a Primavera,
 Que ella mesma quizera
 Naquelle pavimento
 Guardar seu luzimento,
 Fazendo apequenhes por engraçada
 Da Rosa hospicio, do Jasmim morada.

Neste pois digo campo florecente
 Vestido ricamente
 (Tanto que á inveja mil assombros dava)
 O Profeta Eliseu pegando estava
 Em a capa de Elias,
 Que arrebatado em proprio desafogo
 Hia em throno de lus, carro de fogo.

Facil era de crer que a nuvem era
 Da natural Esfera
 Alguma felís parte, pois se apura
 Nos decóros da mesma Architectura:

Que

Que se nuvem não fora, lhe queymava
 Todo o artificio o carro, que levava,
 Porque ou fosse verdade, ou fantasia,
 Inda estou para crer que o carro ardia.

Dous cavallos levava esta carroça,
 E porque admirar á gente possa
 Todo o artificio, com que estavam feytos,
 Sey que foram do ar taõ mal aceytos,
 Que tendoos por fingidos,
 A pouco espaço os vio enfurecidos,
 E com furias a mares
 O Ceo rompendo por beber os ares.

Hia toda esta maquina divina,
 Invençaõ peregrina,
 Subtilmente no ar edificada,
 Donde a gente admirada
 Novamente venera
 Artificio, que taõ fingido era.

Agora he que convinha
 Que tivesse poder a penna minha,
 Ja que ousado na empresa insisti, & trato,
 Para fazer fiel hum bom retrato:
 Mas que importa que encontre o meu empenho
 Sobrada penna, donde falta o engenho.

E de Eliseu sahia
 A letra, que dizia.

Obsecro ut fiat in me duplex spiritus tuus. 4. Reg. cap. 2. n. 9

E a outra de Elias.

Si videris me, quando tollar a te, erit tibi quod petisti.

Ibid. n. 10.

FIGURA DA PREGAC,AM EVANGELICA.

DEtrás deste prodigio laureado,
 Que entaõ pirata foy do humano agrado,

Roubando assim por bem diversos modos
 Na pompa, & fausto as atenções de todos,
 Huma figura hia,
 Vivo primor da mesma galhardia;
 Porque o peyto, & cabeça, que levava,
 Mates ao Mundo nas invejas dava.

As roupas, que vestia, oh quem me dera
 Que a mim me revelàra a Primavera
 Dedonde ellas naceram,
 Porque não mostravam que da terra eram!

Sobre hum russo cavallo esta Figura
 Pos toda a compostura,
 E taõ ufano hia,
 Que a gente presumia,
 Vendo nelle luzir o ouro, & as telas,
 Que era o tal bruto furto das estrellas.

Huma setta de fogo na cabeça
 Levava esta Figura por empresa
 Com esta letra, que no pé se via,
 Aqual a ssimdzia.

Et verbum ipsius quasi facula ardebat. Eccles. 48.

Na mão direyta hum livro, aonde estava
 Esta letra, que a empresa declarava.

Dòminus dabit verbum evangelizantibus.

Psal. 67. n. 12.

E no braço huma tarja, em que se via
 A letra, que dizia.

Euntes in mundum universum prædicate.

Marc. 16. n. 15.

FIGURA DO PREMIO.

C Omprodiga grandesa , alto respeyto
 Do Premio se seguia
 A gloria, a graça, a pompa, a galhardia
 Sobre hum rayo animado,
 Dos que fulmina o Ceo vivo traslado,
 Por cujas furias erra
 Quem disser que não hia abrindo a terra
 Ricamente ajaezado,
 Porque era dos cavallos o morgado.
 Levava esta Figura
 Taõ unida a grandesa á compostura,
 Que entre o rico, & o grave
 Qual teve mais ventagens não se sabe,
 Porque o grave esgottou todo o excellente,
 E o rico aniquilou todo o Oriente.

Na cabeça levava huma coroa
 Taõ rica, & taõ bem feyta,
 Que se ariquesa nella se respeyta,
 A India, Calecut, toda Sofala
 Não sey comque la possam fazer gala.
 Da coroa sahia
 A letra que dizia.

Posuisti in capite ejus coronam. Psalm. 20. n. 4.

Na mão direyta hum sceptro majestoso
 Levava luminoso
 Tanto, que o mesmo Sol o invejaria
 Para dar presidencia ao mesmo dia,
 Donde esta letra estava,
 Que ao conceyto do sceptro a vida dava.

Et potentiã nemo vicit illum. Eccles. 48. n. 14.

E no braço huma tarja, em que se via
A letra, que dizia.

Gloriam & magnum decorem impones super eum.
Psalm. 20.n.6.

FIGURA DO MERECCIMENTO.

A Trás deste prodigio vinha logo
Com nobre a ceyo, errante de safo
Huma Figura, cuja galanisse
Quis meter em cabeça a quem a visse
Que era coufa celeste,
Por se vestir do mesmo, que o Sol veste.
Em ter o peyto rico não se fala,
Porque com as mais se iguala;
Nem hum destes prodigios
Se fas mais peregrino
Só por levar hum peyto diamantino:
Mas o que mais admira esse Deos louro
He levar na cabeça hum monte de ouro
Com tantas opulencias,
Que se o pesar do pelo ao bruto escuto,
Geme a terra de ver gemer o bruto.
Sobre o throno, em que o Sol mais se ufanava,
Flammante descançava;
E me causa outra ves novos espantos
Não arder a Figura em rayos tantos.
Do mesmo Sol sahia
A letra, que dizia.

Et thronus ejus sicut Sol. Psalm. 88.n.37.

Huma Pomba de flores coroada
Na dextra mão levava collocada,

E esta letra no peyto.
Era a interpretação do seu conceyto.

Gloria Libani data est ei: decor Carmeli. Isai. 35. n. 2.

No braço esquerdo em tarja peregrina
Diçtou lingua Divina
A letra, que pudera
Trasladarse ao papel da oytava Esfera.

Obserua eum, & audi vocem ejus. Exod. 23. n. 21.

II. ANDOR:

COm grave aceyo, fóрма inimitavel
Se seguia admiravel
Hum Andor prodigioso,
Taõ rico, & taõ lustroso,
Que Endymiaõ, se o amor me naõ engana,
O invejou para carro de Diana,
E com effeyto na celeste Esfera
Para folio dos astros o puzera,
Senaõ vira que nelle peregrina
Hia Santa Eufrosina:
Porque a naõ ir, entendo lhe pegára,
E na Esfera da Lua o collocára.
Quatro Figuras com taõ nobre aceyo
Lhe pegavam, que creyo,
Se a Esfera das estrellas naõ se altera,
Que alli se via junta a Primavera.

FIGURA DA OBEDIENCIA.

LOgo atrás desta nobre architectura
Se via huma Figura,
Que por ser da Obediencia, todos creram
Que as riquezas entaõ lhe obedeceram:
Porque dellas taõ bem vestida hia,

Que medalha do Ceo se parecia;
 Com peyto de ouro, & com cabeça de ouro
 Hia feyta hum thesouro;
 Em a cabeça hum coração levava,
 O qual se coroava
 De huma grinalda com taõ grave aceyo,
 Que fazendo de flores doce enleyo,
 Cada huma mostrava
 Que à grinalda, & coroa a pompa dava,
 Preso de huma cadea de ouro fino,
 Que huma mão opprimia,
 Sobre huma nuvem com primor se via,
 De cuja invençaõ rara
 Esta letra se ouvira, se falàra.

Quia obedisti voci meæ . Genes. 22. n. 18.

Levava á mão direyta com agrado
 Hum cordeyro de pés, & mãos atado,
 Jeroglyfico proprio da Obediência,
 Adonde escrito tinha
 Esta letra, que coube á penna minha.

Obedite præpositis vestris. Div. Paul. ad Hebr. 13. n. 17.

E na tarja do braço outra se via,
 Aqual assim dizia.

Obediemus legi patrum nostrorum. Mach. 1. c. 2. n. 20.

FIGURA DA HONRA.

S Obre hum Etna de incendios respirante,
 Dos cavallos Atlante,
 Que chammas respirava,
 Quando ao pisar da terra forcejava,
 Outra Figura hia, que a grandesa
 No berço lhe inspirou toda a nobresa.

Hia esta vestida
 De huma roupa taõ grave, & taõ luzida,
 Que para a acreditar de nobre gala
 Fica melhor á penna o naõ louvalla:
 Porque o melhor louvor assim tributa
 Se ha de ser diminuta.

Honra se intitulava,
 E com muyta razaõ, pois honras dava;
 E porque a honra á honra naõ perdoa,
 Levava na cabeça huma coroa,
 Entre a qual esta letra semetia,
 Que aos olhos repetia.

Filia Regum in honore tuo. Psalm. 44.n.10.

Na maõ direyta de Mannà hum prato
 De outro Mannà retrato,
 E nelle se ostentava
 A letra, que esta empresa declarava.

Dedi cibum Manna. Deuter. 8.n.3.

Agora ó penna minha, quem me dera,
 Ja que tens de subir a nova esfera,
 Que daqui em diante te guiasse
 Outra maõ, que engenhosa te mostrasse
 Novas admirações, novos enleyos
 Nos sublimes aceyos,
 Com que hum Andor, que mais me affusta, hia
 Lustre da arte, Padraõ da galhardia.
 Tu mesma ó penna sabes
 Que em assumptos taõ graves,
 Como este taõ supremo,
 Só de pegar em ti me affusto, & tremo:
 Mas pois naõ tem remedio,
 E o mar hey de furcar, em que metido
 Naõ sey ja se me vejo arrependido,

Obra tu escrevendo , & eu dictando,
Que ambos iremos dando,
Eu alma ao teu escrito,
Tu vida ao que eu dicto,
Porque com alma, & vida
Ja fica a empresa menos desluzida.

III. A N D O R.

DE Artifice perito invenção rara,
Que o Mundo todo só de aver pasmára,
Foy hum Andor, adonde
Se a perguntas do affombro alguém responde,
Que tem que responder, mais que sem graça
Atéqui invenção, atéqui traça?
Porque a donde se via
A ficção de hum jardim, que parecia
Vivo jardim de veras,
Florido encofto ao mal das Primaveras,
Adonde as flores com invenção propria
Brincaram de Amalthea a Cornucopia.

Isto he traça, he primor, he maravilha;
O mais fóra daqui não lus, nem brilha.
Para mais se realçar esta grandesa,
Com grave subtileza
Era á taõ primorosa galhardia
(Donde creyo que o Sol tambem se via)
Espelho hum chafaris, a cujo aviso
Era todo o Jardim verde Narciso,
Que nos claros crystaes de tanta prata
Sem temer naufragarse se retrata,
Sendo das que ostentou nobres molduras
Por mais capricho flores as pinturas,
Em cujo camarim da Deosa Flora
Bem pudera toucar-se a mesma Aurora,
E o Sol dar á opulencia de seus rayos

Para mais presumpção brandos ensayos.

Agora os circunstantes medirão
sem nenhuma razão

Que do chafaris agoa não correrá,

Aque o chafaris mesmo responderá

Sem receyo, sem mingua,

Se assim como tem voz, tivera lingua:

Eu não pude correr nesse tal dia,

Porque huns grilhões de prata então trafia,

Cuydando nos meus passos por contentes

Que eram correntes de agoa estas correntes,

Nem comigo haveria quem fizesse

Quando a gente parava que eu corresse.

Neste mimo de Abril, da Aurora enleyo,

Cofre aberto do seu graniço aceyo,

Estava com pomposa maravilha

A illustre Santa, do Carmelo filha,

Maria Magdalena,

Que na floresta amena

Gyrasol se inculcava

Do seu Sol, que na Cruz radiante estava;

E quando lhe offrecia

O pranto, que dos olhos lhe sahia,

Elle o premio lhe dava então dobrado,

Porque o sangue dos pés, das mãos, do Lado

Inda achava que a tanto beneficio

Era muy diminuto o sacrificio:

Que as dadas de Deos em toda a empresa

Nunca tem medição pela grandesa.

Huma gloria, que de Anjos adornada

Desta Imagem divina era morada,

Com tanta invenção hia,

Que a gente presumia

Ser extracto da Gloria pelo ornato,

E se a propria não era, era o retrato.

23

Quatro Anjos se igualaram,
E a honorifica pompa sustentaram,
E com razão muy propria,
Pois se dos Ceos o Andor era huma cópia,
Aos Anjos só tocava
Levar a glória, que este Andor levava.

FIGURA DA CARIDADE.

A Trás desta magnifica grandesa
Com grave subtileza,
Primorosa eleyção, lustre gigante
Vinha da Caridade
O symbolo melhor, que há visto a idade,
Perfes divina, aquem o Sol quizera
Para idolo gentil da quarta Esfera.

Via-se este Prodigio idolatrado
Num bruto, que de Troe o filho amado
A pesar do Deos Jupiter achára
Melhor assento, se melhor montára.

De roupas encarnadas guarnecida,
Se ostentava lufida,
E tanto, que da gente muytos creram
Que aquella, roupas vivas chammas eram.

De ouro a cabeça, & peyto
A invenção fabricou com tal respeyto,
Que a pesar de inculcarme temerario
Dicera que dos Ceos compunha o Erario,
Sem que a quem o apoda dé desdouro,
Que erario se acredita hum monte de ouro.

Hum coração em chammas abrazado
Levava na cabeça figurado,
Cujas chammas se viam
Que não eram pintadas, porque ardiam,
Supposto que a pintura pelo agrado
Fas crer que he vivo o mesmo, que he pintado.

Sobre o coração hia
 Hum braço, cuja mão nelle se via
 Pegando de hum gomil, & lançar agoa
 Sobre o pintado ardor, fingida fragoa,
 E esta letra explicando
 A dureza do fogo, & da agoa obrando.

Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem.
 Cantic. 8. n. 7.

Levava á mão direyta hum Pelicano
 Ferindo o peyto, & se eu me não engano,
 Vivo me parecia:
 Porque o peyto rompia
 Para doce alimento dos queridos
 Pimpolhos, que a seu peyto tinha unidos,
 E esta letra explicava
 A razão, que este excesso lhe causava.

Ordinavit in me charitatem. Cant. 2. n. 4.

FIGURA DA MEDITAC,AM.

L Ogo sobre de Februo o monstro altivo,
 Etna com alma, ou Mongibello vivo,
 Durateo prodigioso,
 Vivo retrato desse, que fogoso
 Os Gregos fabricaram
 Quando a Troya seus males maquinaram,
 Huma Figura hia,
 Que por vestir de azul, todos cuydaram
 Que esses Ceos adeytaram
 Só paraque tivesse a terra a gloria
 De ter no seu Triunfo por ventura
 Dos Ceos huma Figura.

Azas nos pés levava o Tyfeo bruto,
 E quando a causa deste excesso escuto,

Vejo que o bruto diz que errado andára,
Se as azas não levára:

Porque não mostraria elle quem era,
Vindo dos Ceos, se as azas não trouxera.

Peyto, & cabeça de ouro esta levava
Com tanto adorno, que houve quem jurava
Ser o peyto hum, que a Jupiter deu Juno
Formado dos thesouros de Neptuno
Por mãos das Nynfas Perfes, & Clymene,
Que o campo habitam do crystal perenne.

A cabeça trafia

Toda a lus, que a invenção, & arte fabia:
Porque como achou perolas, & aljofar,
Ouro, & diamantes, andaria errado
Quem não roubasse com invenções o agrado.

Sobre a cabeça com gentil aceyo
Huma candida pomba fes enleyo
Com esta letra, que no pé se via,
E na empresa dizia.

Meditabor ut columba. Isai. 38. n. 14.

Na mão direyta desta galanisse
Quis a invenção se visse
Escritta a Ley da graça,
E esta letra dizia:

Lex tua meditatio mea est. Psalm. 118. n. 77.

IV. ANDOR.

A Sombro foy do assombro venerado,
Que a invenção fabricou ao humano agrado
Vestido de divinos exteriores.

Era hum Andor, delicia dos Andores,
pois vinha em huma nuvem (bem formada)
Taõ gentilmente a Gloria retratada,

D

Que

Que a mesma admiração alli quizera
 Fazer á gente crer que a Gloria era.
 Sentada vinha a mais Divina Aurora,
 Que o mesmo Empyrio adora,
 Com o melhor Sol nos braços,
 De que o Amor lhe tesseu divinos laços,
 Vestida á Carmelita:
 Porque tanto na Ordem se acredita,
 Para mostrar a todos sem desordem
 Que he Mãe de Deos, & Mãe da mesma Ordem;
 O santo Escapulario,
 Sempre immortal erario,
 Em São Simão Estoch depositando,
 Que com semblante alegre, & venerando
 Elle hia recebendo; & assim convinha,
 Por vir da mão de quem da Gloria vinha,
 E esta letra o Santo recebia,
 Que da mesma Senhora então sahia:

*Dilectissime fili, hoc recipe tui Ordinis Scapulare, meæ
 Fraternitatis signum, tibi, & cunctis Carmelitis privilegiū
 Ex ejus vita.*

Pegavam nesta maquina lustrosa
 Com caricia amorosa
 Quatro Religiosos tão constantes,
 Que puderam do Ceo ser quatro Atlantes,
 E nesta occasião bem o mostravam,
 Porque hum Ceo, & huma gloria em si levavam.

FIGURA DA FE'

S Eguia o gyro desta architectura
 Vendada huma Figura
 Com aelevada empresa,
 Que nos quis revelar tanta grandesa,
 Porque vestida hia

De huma roupa, que o Sol invejaria
 Para adorno engraçado
 Da sua Circe prodigio laureado.

Era este portento
 Cofre aberto de todo o luzimento,
 Desempenho gentil de toda a graça,
 Credito da invenção, lustre da traça.

Rico peyto levava,
 E o podia levar, pois rica estava,
 Adonde repetia o seu respeyto:
 Atéqui invenção, atéqui peyto.

Rico lavor formava
 O muyto aljofar, com que se illustrava,
 E as perolas compunham com aceyo
 Entre tanta invenção discreto enleyo.

A cabeça do mesmo estava ornada,
 Lusida toda, toda illuminada;
 Sobre ella hum Calix hia,
 Que huma Hostia levava, & lhe fahia
 Esta letra, que os olhos penetraram,
 E ao papel da memoria trasladaram:

Mysterium Fidei.

Hum Pendaõ empunhava
 Ecco deste Triunfo, onde se achava
 Sem letras construido
 O clamor repetido,
 Que as vozes excessivas explanavam
 Em vivos eccos, que seus vivas davam.

Huma tarja o Pendaõ tinha no meyo,
 E nella escrito com gentil aceyo.

Oculi tui respiciunt fidem. Jerem. 5. n. 3.

C A R R O C, A.

NO fim deste Triunfo inimitado,
 Prodigio aos olhos, attracção do agrado,

Se seguia pomposa
 Fabrica, a que a invenção mais engenhosa
 Pos todo o desempenho
 A' custa do trabalho, suor do engenho.

Era pois esta, que a memoria aviva,
 Huma carroça altiva,
 Que os Romanos triunfos não puderam
 Gozar mais digna, se hoje outros tiveram.

Espelho luminoso parecia
 Das potencias do dia,
 Ou throno, aonde o Sol mais se ufanava,
 Quando do ethereo carro se apeava
 Por conhecer muy bem que esse da Esfera
 Melhor que este não era.

Sofra agora Vulcano por injuria
 Ser o carro do Sol mera penuria,
 Pois se por architecto he conhecido
 De hum Monarca luzido,
 Ou nunca nelle dera o menor rasgo,
 Ou se quizera ter mais alta fama,
 Do que a que hoje o a cclama,
 Pedira do pincel deste Architecto
 O mais inculto affecto,
 Que eu ficára occupasse por mais gloria
 Todo o seu nome o templo da memoria.

Na elevação da fabrica eminente
 Estava pensativa toda agente,
 Vendo que quando a vista se estendia,
 Tanto mais esta pompa ao Ceo subia,
 E cuydava com justo fundamento,
 Vendo seu luzimento,
 Que era o que Faethonte
 Infausto despenhou desse horizonte,
 Donde desvanecido
 Foy de puras soberbas condufido,

E agora resgatado
 Desse infelis successo desgraçado
 Outra ves se partia
 Adonde antes ardia,
 Se pudesse de Febo o alto respeyto
 Perdoar dos estragos o conceyto.

Na cabeça triumphal deste portento
 Com todo o luzimento
 Hia a Aurora Divina
 De tanta pompa, & tanto fausto digna
 Com reciproco anelo
 Por Mãe de Deos, Senhora do Carmelo,
 Do novo Templo digna Protectora,
 Templo de Deos, que o mesmo Filho adora.

Sobre huma nuvem hia,
 Que tanto aos mesmos Ceos se parecia,
 Que indeciso ficou para a memoria
 Se era nuvem fingida, ou se era gloria.

Em outro pavimento
 Novas admirações, novo portento
 Era emprego dos olhos, da alma enleyo,
 Pois com divino aceyo
 Do mesmo Ceo se via hum doce agrado,
 Prodigio desmayado
 Na Doutora gentil, Teresa Santa,
 Donde hum Anjo lhe affecta
 No rico peyto aponta de huma setta,
 Que para acreditar-se de mais fino
 Soube entã desparar-lhe o Amor Divino.

Hum Anjo lhe pegava
 Quando via que a Santa desmayava:
 Que de Deos huma setta despedida
 A' alma alento dá, desmayo à vida.

Na quartela, que a bayxo se seguia,
 O Patriarca hia

Elias soberano,
 Pafmo sempre divino, affombro humano;
 De pelles de animaes hia vestido,
 Mas com ser pobre o ornato, era luzido.

Na maõ levava com valor gigante
 Nua huma espada rayo fulminante,
 E por armarse em tudo,
 Na outra hum livro tinha por escudo.

No ultimo pavimento se ufanava
 De Anjos hum coro, que alma ao Triunfo dava,
 Cujas bem sonora melodia
 Mil vivas repetia,
 E a naõ se parecer cada hum Orfeo,
 Dicera que era a musica do Ceo.

Puxavam desta maquina lustrosa
 Com forsa primorosa
 Quatro torres com vida,
 Cada huma de si taõ presumida,
 Que sendo brutos Etnas respirantes,
 Quizeram passar praça de gigantes.

Dous cocheyros Faethontes de veludo
 Com grave aceyo, com experto estudo
 Regiam pelas ruas com destresa
 Esta maquina illustre, esta grandesa,
 Que quando se abalava,
 Dos corações os vivas despertava.

Atrás desta pomposa galhardia
 Rico acompanhamento se seguia,
 As Irmandades todas, que lustrosas
 Com reciproco affecto primorosas
 Acompanhar quizeram
 Ao mesmo Deos do qual escravos eram.

De todos os Conventos se seguiam
 Os seus Religiosos, que trasiam
 No peyto o ardor, que soube nesta tarde

Arder mais vivo, do que em outras arde.

Logo atrás desta turba peregrina
 Com decencia divina
 Debayxo de hum docel, paleo supremo,
 A que a seda, passou de extremo a extremo,
 Trocando por não ter tanto desdouro
 A antigua natureza em pastas de ouro;
 Vinha dos Ceos a sacra Magestade,
 Gloria dos Anjos, lus da eternidade,
 A quem prostrada a gente
 Com culto reverente
 Copiava na alma deste ardor'acesa
 De tanta Magestade a alta grandesa.

Aqui junto do paleo acompanhavam
 Tantos Anjos, que flores espalhavam,
 Que parecia a rua
 Pela grave opulencia esfera sua.

Quatorze Religiosos revestidos
 De ornamentos lusidos
 Faziam mais pomposa a galhardia,
 Com que soube illustrarse taõ bom dia.

Finalmente seguia-se lustrosa
 A plebe numerosa,
 Toda a illustre nobresa,
 Unindo nos aceyos a grandesa,
 E atrás deste Divino Sacramento
 Com toda a gala todo o lusimento
 A Villa circundou té a nova Igreja,
 Adonde paraque melhor se veja
 Do grave ornato o mais esclarecido,
 Para estancia segunda te convido,
 Donde creyo acharás novos enleyos,
 Novas admirações, novos aceyos.



DESCRIPC, AÕ DO TEMPLO, E FESTA DO TRIDUO.

1.



USA, aquem devo em candidos favores
De influxo grave metricos acentos,
Agora mais que nunca inspira ardores
Na idea dos mais altos pensamentos.
Mais nobre assumpto pede a teus furores
Desse fogo immortal novos alentos,
Se em taõ glorioso empenho o referillo
Os rasgos canfa, & empobrece o estylo.

2.

Extincta a Procissãõ, mas naõ extincta
No animo illustre a prodiga grandefa,
Mayor culto se segue, adonde pinta
Pincel omnipotente tanta empresa.
Todo Deos em lamina succincta
Se admira de huma Magestade presa,
Sol que acorda nos mesmos Occidentes
Dos nunca sustentados accidentes.

3

Depois que aos sinzeis no jaspe duro
O Templo deve a fabrica, que admira
Immortal para assombro do futuro
A gloria, que magnifica respira
Em elegancias de hum affecto puro,
Que arder em cultos da oblaçaõ suspira,
Nesta empresa, que a devoçaõ reparte,
Cansou ideas, & exhaurio a arte.

4.

Ja de subir os porfidos crecidos
 Canlavam, & seguram nesta empresa
 Que da Corte celeste são polidos
 Cortesões, sempre illustres na nobresa;
 Inda que na ventura taõ subidos,
 Se ufana a dita de huma tal firmesa,
 Que sustentando amaquina composta,
 Contra o tempo nas durações aposta.

5.

Gigante altivo do penhasco bruto
 Subir parece escandalo dos ares
 O templo todo penha no incorrupto
 Resiste ao tempo em obras singulares:
 Para usos do Catholico tributo
 Dividida a distancia por Altares
 De Amor divino, que em devotas calmas
 São voto avida, & holocausto as almas.

6.

Era inscripção do Catholico desvelo
 Pregaõ sacro da prodiga porfia
 As Armas veneráveis do Carmelo
 As letras do alto nome de Maria.
 Alli devoto me ditava o zelo
 O que a Fé em experiencias escrevia,
 E nos aparos não me maravilho,
 Se a esperanza lucra a Mãe, & o Filho.

7.

Era o tempo, em que as pompas ja do anno
 O frio sécca no verdor, que corta
 De esteril gala seu vestir louçano
 Nos despresos do Outono se supporta.
 Mas com alto mysterio soberano
 O pasmo avisa, novo assombro exhorta:
 Porque o zelo Christaõ em seus primores
 Melhor que a Primavera, gera as flores.

8.

O mes assigna o tempo, que não cansa
 A Ceres venerada da locura,
 Em que cobra nos fruttos da esperanza
 A cansada fadiga da cultura.
 Era Settembro fertil, que descança
 Nos lucros, que a abundancia lhe assegura
 Em dia, que no Oriente, que nascia,
 Fez a graça que fosse ocioso o dia.

9.

Quando do ninho os passaros cantores
 Ao som que o manso Zefyro fazia,
 Celebram os despertos resplandores
 No alvoroço da doce melodia,
 Quando já em Santarem novos ardores
 Novo dia no assombro amanhecia,
 E então o mesmo dia se admirava
 Como tão cedo o dia se acordava.

10.

Apreffava-se prologo do dia
 A manhã temerosa de cobarde
 Que na terra outro dia amanhecia
 Na manhã repetido, & mais na tarde.
 Hum pouco indifferente reprimia
 Lusida pompa do brilhante alarde,
 Mas vendo quanto se animava o fausto,
 Quis o dia meterse no holocausto.

11.

O Sol ja pelas casas luminosas
 Reparte os dias do suor brilhante,
 Na de Jupiter entra, mysteriosas
 Fazendo as horas esse deos radiante:
 Porque animado o dia em generosas
 Empresas altas no animo elegante
 Lhe descobrio na idea soberana
 Ser principio da festa o da semana.

12.

Nos tres dias avisa o defafogo
 Amanhecer na noyte outro refumo
 Do dia artificioso, com que logo
 O mesmo se anoytece no consumo.
 Alumiou-se a esfera em tanto fogo,
 E logo anoytecia em tanto fumo;
 E porque extingue os Etnas infinitos,
 A dor explica em brados, diz em gritos.

13.

Do fogo artificioso a nobre chamma,
 Se a reduzo a epilogos da historia,
 Narrativa impossivel se de clama
 Inda nos pensamentos da vangloria.
 Como naõ cabe no clamor da Fama,
 E como sobra ás tarjas da memoria,
 Se escrevem seus effeytos singulares
 Na vaga immensa lamina dos ares.

14.

Lutavam dous oppostos elementos
 Ao mesmo tempo da arte comprimidos,
 Eòlo nos suspiros dos seus ventos,
 E Vulcano nos ays dos seus gemidos;
 E naõ obedecendo seus alentos,
 Se vem alternamente obedecidos,
 Mas desorte, que a arte na violencia
 Alimenta obediente a resistencia.

15.

Porque o vento guiava o defafogo,
 O vento lhe illustrava o campo attento,
 E taõ cedo este ardia, quanto logo
 Aquelle lhe exaltava o pensamento.
 A sopros deste vento ardia o fogo,
 Do fogo em chammas se illustrava o vento,
 E a noyte nos parece recebia
 Do Rey das festas a merce de dia.

16.

Acordavam os dias, & parece
 Que a noyte com o dia se equivocá,
 E nos braços das sombras amanhece
 O Sol, que dos festejos se convoca,
 Ou tal ves de outros ambitos se esquece,
 E o Paço luminoso se revoca,
 Porque fora do Sol clara ignorancia
 Fugir de verse em taõ luzida estancia.

17.

Ou parado, ou talvez substituido
 Tudo era dia, tudo luminoso,
 E no heroyco primor desvanecido
 Por conta da arte estava o generoso.
 Em gritos da razão clamor crecido
 Se estabelece o merito ditoso,
 Vendo-se agora por milagre raro
 Os meritos com premio sem reparo.

18.

O novo Templo, com que o jaspe admira
 Injurias sofre verse em cada parte,
 Que contra a arte a grandesa se conspira
 Em novos artificios melhor arte,
 Que da engenhosa gala se lhe inspira
 Almas de pompa, que o valor reparte:
 Porque em quanto consome, & quanto absorbe
 Recopila felis a gloria ao Orbe.

19.

Despenhavam-se as pompas sem perigo
 Na Cappella mayor da mesma altura,
 O subir era obsequio, que com figo
 Firma o ditoso, & o felis segura.
 Soberbo o ouro estava sem castigo
 Desvanecido em glorias da ventura,
 Que pela Europa cuyda seu extremo
 O exhala em chuva o Jupiter supremo.

Em carceres de seda por seu gosto
 O ouro estava premio do tessido
 Nos lós, que pendurava, o fausto exposto
 Aos o lhos do curioso repetido.
 Alli se via o concavo composto
 Das janelas, por onde o Sol lufido
 Olhava para o culto, que se exalta,
 Crendo que a sua lus não lhe fas falta.

21.

Todo quanto appátrato diffundia
 Perdularias grandefas, que a despesa
 Em laminas celestes escrevia,
 Furtos comque se honrava a naturefa,
 Pompas eram, que oculto repartia
 Por mãos da sempre prodiga grandefa,
 Clamor que em tanto brado repetido
 Bem lhe explicava o mesmo que tem sido.

22.

Aqui do claro engenho a illustre idea
 Era theatro augusto o que contemplo,
 A arte mais poderofa que Medea
 Convertia as figuras sem exemplo.
 Derramava abundancias Amalthea
 Das cornucopias do singular Templo:
 Que paga o fogo em outros que derrama
 Fragrantes fumos de officiofa chamma.

23.

De quatro centas tochas a lus clara
 O triunfo a Cesar ja senão admira,
 Que a lus na cera branda, & nunca avara
 De amor, & fogo mais ardor respira.
 A de Cesar se a vira, se apagára,
 E fora noyte desta lus, se a vira,
 E na incendida esfera abrazadora
 Tanta lufida copia inveja fora.

Os triunfos, com que a sabia antiguidade
 Os meritos honrava, & dava gloria,
 São ja despojo da Christã piedade,
 Com que felis apagam tanta gloria;
 Vassallagem a profana Magestade
 Lhe tributa, deyxando por memoria
 Cuberto de abundancias o theatro
 De quanto gera o Mundo em partes quatro,

Disputavam em Catholicas porfias
 Do zelo as ansias nunca satisfeytas,
 Discorrendo no espaço de tres dias
 Acções devotas, sempre a Deos aceytas.
 Mais não podiam ser as galhardias,
 Muytas sempre, & na multidaõ perfeytas,
 Que a sustentallas esse Herculeo hombro
 Gemera de gravado em tanto affombro.

O throno, que alta fabrica destina,
 Exhaure ao Sol os partos, que fecunda
 Preciosa descendencia a lus divina
 No theatro immenso, maquina rotunda.
 Concerto que fes a arte peregrina,
 Que affoga oculto, que o respeyto inunda
 No mar de luzes, que no Altar derrama
 De dous incendios não cansada chamma.

No folio se admirava, & não se via
 O que adora preciosa testemunha,
 A rayos de esplendores se escondia,
 A desejos de affectos mais se expunha.
 Na soblações da cera amor ardia
 Salamandra que nelles se compunha,
 Em que adora com musica Psalmodia
 A mesma Omnipotencia na Custodia.

Com pompa augusta o fausto se dilata
 Pelo corpo do Templo, porque seja
 Nos empenhos da seda de ouro, & prata
 Alifonja dos jaspes outra Igreja.
 Tanta pelas paredes se defata
 Nos adornos da inundaçã sobeja,
 Que se o devoto nelles defafoga,
 A abundancia os marmores affoga.

Primeyro que descubra a vista attenta
 O milagre do candido thesouro,
 A devoçã no affombro se alimenta
 De quanto desperdiça o metal louro.
 Dos quilates o culto se lhe augmenta,
 Pois que passa a mais de ouro o fino ouro,
 Que o insensivel nesta acçã devota
 Mais quilates o novo Sol lhe adopta.

Argumentam com varias elegancias
 Dos perfumes taõ varios os primores,
 Se eram das flores prodigas fragrancias,
 Ou dos que ardiam lucidos fulgores.
 De flores, & de aromas abundancias
 Compunham nos aromas, & nas flores,
 Que esteve na uniaõ que confidera
 Em novo Imperio ufana a Primavera.

De acordes suavidades os tres dias
 Pareceram no agrado poucas horas,
 Sendo destes Orfeos as melodias
 Nobre inveja das aves mais cantoras.
 E sendo os instrumentos de harmonias
 Discreta persuasaõ, que as fas sonoras,
 Mentiram na elegancia soberana,
 Que fala nelles outra voz humana.

Mas como de Francisco se descobre
 A consonancia filha, bem entendo
 Que o seu sayal do Ceo vozes encobre
 Por estarem mais premio merecendo.
 Em coro alterno de hum affecto nobre
 Os desejos se estavam suspendendo,
 Pois nos contentamentos taõ sobejos
 Era mayor o gosto, que os desejos.

Já do assombro diffunde o desempenho
 Mayor admiração de altos primores
 No brado altivo do felis engenho
 Dos doutos, & elegantes Oradores.
 Pagou-se no entendido tanto empenho,
 Que o mesmo empenho tem por acrédores
 O douto, & o entendido, porque junto
 No possivel iguala o mesmo assumpto.

Tudo em fim era assombro, se pudera
 Compor milagres de geral conceyto,
 Ou seja em imitar-se a Primavera,
 Ou fosse no esmerar-se o mais perfeyto:
 Que ser fabula a fabrica bem crera,
 Se na voz o soborno bem aceyto
 Duvida não mostrasse no que admira
 No exame da verdade, & da mentira.

Como a Musa esmorece em referillos,
 Como se cansa Apollo de louvallos,
 Inda que do Parnasso foram Nilos,
 As fontes seccariam de invejallos.
 A fama se emmudece de applaudillos,
 O applauso se enrouquece de affamallos,
 E minha pobre Musa, que os acclama,
 Fas dos silencios os pregões da Fama.